

O JAPÃO NO FEMININO II HAIKU

POESIA DOS SÉCULOS XVII A XX

organização e versão portuguesa

LUÍSA FREIRE



2025

KATAYAMA YUMIKO
(N. 1952)

«Ao olhar as coisas que não são notadas senão pelos poetas, as mulheres podem sentir-se um pouco melhor e mais felizes por estarem vivas. Desejo que o *haiku* lhes dê essa oportunidade.»

«O homem e a mulher são, sexualmente, completamente diferentes. No género literário conhecido por *haiku* não terá a mulher a oportunidade de usar essa diferença e explorar um mundo onde os homens não podem entrar e sobre o qual não podem escrever?»

KATAYAMA YUMIKO

Com o som das ondas
chegando à ponta dos pés,
recosto-me na cadeira.

Tardou mais um pouco
o toque para a partida –
céu enevoado.

Algas flutuando,
num deslizar contínuo
ao cair da noite.

Transforma-se em flor
pendurado na parede –
chapéu de Verão.

Meu rosto escondido,
mesmo sem estar deprimida,
sob um cachecol.

Ouço a voz de alguém –
começam já a murchar
estas campainhas.

Torturo uma formiga
com a ponta do meu lápis
sobre a secretária.

Levado na água
como pétalas de flor –
gelo flutuante.

Neste nosso tempo
nenhum poema à pobreza –
flor da beringela.¹

Criança a brincar
com a água no jardim,
sem ninguém por perto.

As andorinhas no ninho
não viram meu rosto triste –
ou terão visto?

Neve de Primavera
como promessas quebradas –
caindo, caindo.

¹ Os japoneses costumavam cultivar nos quintais beringelas, nabos, pepinos e outras hortaliças para se alimentarem.

Pendente do ramo
que toca o azul do céu,
a flor da ameixeira.

Para além do céu
giram as constelações –
isto ano após ano.

Na teia da aranha
nada fica preso à noite –
brilha a lua cheia.

MAYUZUMI MADOKA

(N. 1962)

«Para mim, compor *haiku* significa “juntar tesouros”. O momento em que os sinto fica mais claramente impresso em mim do que qualquer belo postal ilustrado.»

«A impaciência de não ser capaz de dizer o que mais quero, a tristeza de não poder ouvir o que mais desejo, a dor de não conseguir encontrar o que mais procuro – decidi pôr tudo isso em dezassete sílabas, em vez de chorar.»

MAYUZUMI MADOKA

É Dia da Mãe –
e acabei por fazer
minha mãe chorar.

Apanhamos plantas
depois de termos chegado
num Porsche vermelho.

Os manequins
a segredar entre si –
noite de Primavera.

Um fato de banho –
desde quando os olho dele
escolhem por mim?

Como um corpo morto,
tentô manter-me a flutuar
dentro da piscina.

Depois de fazer
a cereja baloiçar,
rebento-a na boca.

Mais do que um irmão
mas menos que um namorado
bebendo um refresco.

O circo partiu –
instalou-se na cidade
o vento de Outono.

Olha a lua cheia
com ar de quem não se rala
por cima de ti.

Varrida em montão
e emergindo do lixo,
abelha de Inverno.

Tokyo,
primeira imagem deste ano –
nenhum ser movente.

No meu sonho de Ano Novo
a carruagem da abóbora
não aparece.

Fingindo não ter
ouvido, vou engolindo
a minha bebida.

Estrela cadente –
apaixonada, sem saber
onde isto irá dar.

Ondas no Inverno –
põem a gente à distância,
tal é seu azul.